

JOVENS GRÁVIDAS NA ESCOLA: ESTUDO EXPLORATÓRIO NUMA ESCOLA DA ZONA RURAL DO CEARÁ

Isaurora Cláudia Martins de Freitas¹
Yara Maria Vieira Pontes²

INTRODUÇÃO

Pensar a relação dos jovens com a escola requer um esforço de levar em consideração inúmeros aspectos e fatos sociais que atravessam a vida desses sujeitos, percebendo-os em sua diversidade, pluralidade e complexidade. A escola, como instituição responsável por promover a formação e a socialização de crianças e jovens não pode ser percebida como ilha isolada do todo social, ao contrário, ela recebe as influências do meio social, cultural, político e econômico no qual está imersa. Nessa perspectiva, os jovens que frequentam a escola trazem para dentro dela questões relacionadas às suas pertencas de classe, gênero, raça, religião, etnia, território, dentre outras que os sociólogos contemporâneos utilizam para demonstrar o quão diversa e heterogênea é a categoria juventude.

Neste trabalho, destacamos um fenômeno social que, segundo o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA)³ afeta 14% das jovens adolescentes brasileiras: a gravidez. Apontada como um grande desafio à saúde pública, a gravidez na adolescência constitui também um desafio educacional, já que atinge meninas que estão em idade escolar e, em consequência da gravidez, acabam, muitas vezes, abandonando os estudos. O objetivo é analisar a incidência de gravidez na adolescência numa escola de ensino médio em tempo integral, situada no distrito de Brotas, no município de Miraíma, na região Noroeste do Ceará, a 162 Km da capital Fortaleza. Referida escola chamou-nos a atenção por apresentar atualmente o que consideramos um alto índice de adolescentes grávidas ou que já são mães. O cenário ali desenhado fez surgir em nós o desejo de conhecer mais sobre essas jovens. Quem são elas? Qual o perfil socioeconômico de suas famílias? Quais as idades delas e dos pais das crianças? O que as levou à gravidez precoce?

¹ Doutora em Sociologia, professora associada da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: isaurora68@gmail.com

² Mestranda no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO – UVA) e professora da educação básica do estado do Ceará. E-mail: yaramaria14@gmail.com

³ Ver em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniaio/2023/09/26/alta-taxa-de-gravidez-na-adolescencia-no-brasil-o-desafio-de-quebrar-o-ciclo-de-pobreza-intergeracional>



Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória, destinada a coletar informações preliminares sobre o tema para elaborar hipóteses e suscitar futuros estudos mais aprofundados.

Nesse sentido, apresentamos uma breve discussão teórica sobre juventudes, escola, ruralidades, gênero e gravidez na adolescência por entendermos que essas categorias são fundamentais para a compreensão do fenômeno em questão. Do ponto de vista empírico, trazemos dados sobre o perfil socioeconômico das jovens, uma caracterização da escola e do contexto territorial onde elas vivem.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi de natureza exploratória, ou seja, destinou-se a obter uma caracterização geral e provisória do fenômeno em questão (Gondim, 1999, p. 30) a fim de levantar problematizações e construir hipóteses que nos permitam futuramente realizar a construção de um conhecimento mais aprofundado sobre jovens grávidas em escolas do meio rural. De acordo com Gondim (idem), “é impossível pensar teoricamente um fenômeno sobre o qual não se tem informações básicas”. Na mesma perspectiva, Temporini (1986) recomenda que ao pesquisar fenômenos humanos façamos, ainda na fase do planejamento, um estudo prévio da realidade a fim de pensar instrumentos de pesquisa baseados nas experiências dos sujeitos, no vocabulário e no ambiente social em que estão situados. A pesquisa exploratória é o que nos permite do ponto de vista metodológico, coletar essas informações básicas e foi nessa perspectiva que o estudo aqui apresentado se encaminhou.

Na efetivação da pesquisa exploratória, adotamos como técnicas a coleta de dados secundários na escola campo do estudo, um levantamento preliminar de bibliografia e de documentos pertinentes ao tema, aplicação de um questionário *online* pela plataforma *Googleforms* destinada a traçar o perfil socioeconômico das jovens mães ou futuras mães que estudam na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) Vicente Antenor Ferreira Gomes, situada no distrito de Brotas, em Miráima (CE) e conversas informais com alguns professores da escola.

DESENVOLVIMENTO

A gravidez na adolescência é um fenômeno complexo e multifacetado que tem desafiado ao longo dos tempos pesquisadores de diversas áreas, em especial da sociologia, da psicologia e da saúde. A Organização Mundial de Saúde (OMS) classifica como gravidez na adolescência a gestação que ocorre entre 10 e 20 anos de idade. Considerando a faixa etária de

10 a 19 anos, o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA) afirma que o Brasil possui uma taxa de 14% de gravidez na adolescência, o que faz com que o País ocupe o terceiro lugar no ranking da América Latina. Em primeiro lugar vem Equador e Colômbia (ambos com 18%) e o Paraguai fica em segundo com um índice de 15%.⁴

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad), realizada em 2023 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), a gravidez é a segunda maior causa de evasão escolar entre adolescentes do sexo feminino (23,1%). A primeira causa é a necessidade de trabalhar (25,5%). Tais dados, mostram a importância de encarar a juventude como uma fase de vida atravessada por desafios que se impõem de modo diferente para os diversos segmentos juvenis. No caso aqui considerado, fica patente um dos elementos que diferenciam as jovens e os jovens: a capacidade de engravidar.

A literatura contemporânea sobre juventudes nos ensina a olhar essa categoria a partir de sua multiplicidade e heterogeneidade em diferentes espaços sociais e tempos históricos (Bourdieu, 1983; Pais, 1993), compreendendo que marcadores como gênero, classe social, raça, etnia, território, dentre outros, contribuem para formar um mosaico de vivências e experiências dos sujeitos ditos cronologicamente jovens. No que refere ao marcador gênero, Margullis e Urresti (2008) nos lembram que a juventude depende também do corpo processado pela sociedade e pela cultura, assim, a condição de juventude se oferece de maneira diferente aos homens e às mulheres e a maternidade é um elemento que altera não só o corpo, mas também a condição sociocultural de juvenilização, pois o tempo de mulheres e homens jovens é vivido de forma diferente dada a condição de mães em potencial das mulheres.

No caso desta pesquisa, acrescentamos outro marcador de diferença que é o território geográfico onde se desenrola a vivência das jovens adolescentes grávidas: uma localidade com características rurais na pequena cidade de Miraíma (CE). Daí, assumirmos a perspectiva de Freitas, Cruz e Silva (2019) quando afirmam que pensar as juventudes rurais nos desafia a problematizar as delimitações geográficas, territoriais, culturais e identitárias que circunscrevem o espaço rural, compreendido em sua relação dinâmica e indissociável com o urbano a fim de identificar “possibilidades, continuidades, discontinuidades e pontos de intersecção que permitem compreender melhor as vivências e experiências dos jovens rurais.” (Freitas, Cruz e Silva, 2019, p. 74).

Dayrell (2007, p. 1107), ao pensar a relação juventudes e escola, afirma que os jovens que chegam às escolas públicas trazem consigo características, práticas sociais e um universo

⁴ Ver em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2023/09/26/alta-taxa-de-gravidez-na-adolescencia-no-brasil-o-desafio-de-quebrar-o-ciclo-de-pobreza-intergeracional>



simbólico próprio que os diferencia das gerações anteriores. Ao olhar o universo das jovens adolescentes grávidas, sobretudo em pequenas cidades e áreas rurais nos perguntamos em que medida o fenômeno representa a permanência de práticas oriundas das gerações anteriores, revelando o que Maciel e França (2023) chamam de “ciclo da pobreza intergeracional” que precisa ser quebrado. Em que medida a escola pode contribuir com a quebra desse ciclo?

Miraíma possui 14.196 habitantes, sendo, portanto, um município de pequeno porte cuja economia é baseada principalmente em serviços públicos, agricultura familiar, pecuária e programas de distribuição de renda do governo federal. Em 2023, 27% da população era beneficiária do Novo Bolsa Família. Em termos educacionais, o município possui Centros de Educação Infantil (CEI), dez escolas de ensino fundamental e duas escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, uma na sede do município e outra em Brotas, campo desta pesquisa.

Brotas é um dos 5 distritos do município e possui uma população estimada em 4.176, o que o torna o maior distrito de Miraíma. É neste distrito, que fica a 25 km da sede do município, que está localizada a Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) Vicente Antenor Ferreira Gomes.

Além dos jovens de Brotas, a escola atende os estudantes do distrito Riachão e de outras localidades rurais vizinhas, perfazendo um total de 239 alunos, sendo 130 do sexo feminino e 109 do sexo masculino, divididos em seis turmas das três séries do Ensino Médio (duas de cada série). No universo de meninas, duas estudantes já são mães e oito estão grávidas. Foram registrados também dois casos de gravidez psicológica na mesma escola. Das oito gestantes, cinco cursam o 3º ano, sendo quatro delas de uma mesma turma. Uma estudante é do 2º ano e as outras duas são do 1º ano.

A partir de um pequeno questionário enviado via *Googleforms* foi possível coletar os seguintes dados sobre as oito jovens grávidas: as jovens possuem idades entre 15 e 25 anos, sendo 3 de 17 anos, 2 de 16 anos, 1 de 18 anos, 1 de 15 anos e 1 de 25 anos; 5 dessas jovens já possuem um filho, portanto, estão na segunda gravidez; todas elas são negras (1 preta e 7 pardas); 6 se dizem católicas, 1 é evangélica e uma não possui religião; todas são de famílias de baixa renda, sendo que duas delas não conhecem o pai e uma tem pai falecido; os companheiros de quem elas engravidaram são todos mais velhos que elas e possuem idades entre 18 e 48 anos.

Ainda não foi possível levantarmos dados sobre as percepções das jovens sobre gravidez, sexualidade, perspectivas de vida, dentre outros temas que seriam necessários a uma melhor compreensão do fenômeno. No entanto, uma das professoras da escola relatou que ao realizar uma atividade sobre os medos que os estudantes possuíam, algumas meninas relataram



que tinham medo de não poder engravidar, o que sugere que ser mãe é um projeto importante para elas. Em conversas com as estudantes do 1º ano, elas afirmaram que não queriam engravidar, mas os seus parceiros tinham o desejo de ser pai e que as famílias tinham o desejo da procriação e de elas serem mães.

Tais relatos sugerem que a gravidez é algo socialmente valorizado entre as jovens e famílias do distrito de Brotas, não importando a idade em que ela venha a ocorrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Piovesan e Temporani (1995) “A importância que as pessoas conferem à sua saúde e aos cuidados para preservá-la depende, em especial, de padrões socioeconômicos, de conhecimentos, hábitos, atitudes e crenças aprendidos culturalmente.” Consideramos que essa afirmação serve para pensarmos o fenômeno da gravidez precoce e abre espaço para questionarmos em que medida o ambiente socioeconômico e cultural do distrito de Brotas molda a vivência da sexualidade e o desejo de ser mãe das jovens adolescentes.

Conforme os dados levantados, percebemos que o índice de gravidez entre as jovens da escola de Ensino Médio de Brotas não pode ser compreendido sem que sejam consideradas, além das questões geracionais e de gênero (jovens mulheres), as questões de classe (todas as jovens são de famílias desfavorecidas economicamente), de raça (todas as jovens são negras) e de território (todas são moradores de comunidades com características rurais). Nesse sentido, o aprofundamento futuro da pesquisa deve adotar uma perspectiva interseccional, entendida aqui no sentido de Collins e Bilge (2020) como ferramenta analítica que permite compreender como as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária, dentre outras, se interrelacionam e influenciam na construção de relações sociais atravessadas pelo poder em sociedades marcadas pela diversidade (e pela desigualdade – grifo nosso), moldando as experiências individuais na vida cotidiana.

Outro apontamento que se impõem para pensar a presença de adolescentes grávidas na escola é considerar essa instituição como espaço que pode e deve abrigar atividades que permitam debater com os jovens questões relacionadas à sexualidade e aos métodos contraceptivos, mas também atividades e serviços que visem acolher e dar suporte às jovens adolescentes grávidas ou que já são mães. Tais questões serão pensadas na continuidade da pesquisa.



REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A Juventude é Apenas uma Palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 112–121.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] São Paulo : Boitempo, 2020. Disponível em:

https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/843831/mod_resource/content/3/Patricia%20Hill%20Collins%20-%20Interseccionalidade%20%28oficial%29.pdf Acesso em 20 de janeiro de 2025.

DAYRELL, Juarez. A Escola Faz as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, out. 2007. P. 1105-1128.

Disponível em

<https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20 de abril de 2025.

GONDIM, L. M.P. (Org.). **Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto da dissertação de mestrado**. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

FREITAS, I. C. M. de; CRUZ, M. L. I. F.; SILVA, M. S. A. da. Conhecer os Jovens Rurais para Contextualizar o Ensino de Sociologia. **Latitude**, Maceió, v.13, n. 2, 2019. P.71-96.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). Indicadores mensais produzidos com informações do 4º trimestre de 2023**

[PDF] Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em:

https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/c5e90428da8b4a1143f60d1bb0cb3f2c.pdf Acesso em 28 de abril de 2025.

MACIEL, L.; FRANÇA, M. Alta Taxa de Gravidez na Adolescência no Brasil: o desafio de quebrar o ciclo de pobreza intergeracional. **Nexo Políticas Públicas**. 26 de setembro de 2023.

Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2023/09/26/alta-taxa-de-gravidez-na-adolescencia-no-brasil-o-desafio-de-quebrar-o-ciclo-de-pobreza-intergeracional> Acesso em:

20 de abril de 2025.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. Introducción. In: MARGULIS, M. (org.). **La Juventud es más que una Palabra**. 3. ed.. Buenos Aires: Biblos, 2008.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 199

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, n. 29

(4), ago. 1995. P. 318-325. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsp/a/ff44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/>. Acesso em 25 de abril de 2025.

TEMPORINI, E. R. **Saúde do escolar: conduta e opinião de professores do sistema de ensino do Estado de São Paulo**. São Paulo, 1986. [Tese de Doutorado - Faculdade de Saúde Pública USP].